

Stadium

N.º 169 — 27 de Fevereiro de 1946 — Esc. 2\$00

O GRUPO DE HONRA DO VITÓRIA DE GUIMARÃES



No 1.º plano, da esquerda para a direita: Franklin, Brioso, Alexandre, Alcino e Miguel.
No 2.º plano: Curado, Luciano, García, Machado, José Maria e João.



FLECHA

A Bicicleta da Actualidade

A ILUMINANTE

STAND FLECHA

Largo do Intendente — LISBOA

Stadium

ANO IV - 27 DE FEVEREIRO DE 1946 - N.º 169

A ÉPOCA internacional

Ainda não se extinguiram de todo os ecos dessa admirável manifestação desportiva em que se transformou o desafio de futebol R. A. F.-Seleção militar portuguesa, e do qual publicamos nesta página algumas imagens inéditas.

Mas já se fala com insistência na época internacional do futebol português. Estão nesta altura definitivamente fixadas duas datas: 14 de Abril para o Portugal-França, e 16 de Junho para o Portugal-Irlanda. Ambos os encontros se disputam em Lisboa, no grandioso cenário do Estádio Nacional.

Sabe-se também que os espanhóis propõem a realização do Portugal-Espanha, que cabe ao nosso país, a 21 de Abril próximo, mas podemos informar que o grande encontro da Península deverá realizar-se lá mais para diante, provavelmente, em Maio. Eis uma grande época internacional do futebol português em perspectiva!



Uma boa defesa de Azevedo, no jogo com a R. A. F. vendo-se Feliciano, Mercer, Cardoso, Brown e Mateus com os olhos postos na bola



Embora carregado por Mercer, avançado-centro da R. A. F. conseguiu Azevedo defender a soco



Admirável atitude de Feliciano e de Brown, no grande jogo do Estádio Nacional



A bola, solitária, no centro do terreno, antes do grande jogo com a R. A. F...



Os jogadores do admirável grupo da R. A. F., alinhados antes da chegada do Senhor Presidente da Republica

CAMPEONATO NACIONAL dos 12 clubes

Os dois históricos à frente no fim da 1.ª Volta

De registar na 11.ª jornada: o fulgor do ataque algarvio, como o Benfica passou em Guimarães e o jogo rápido dos setubalenses



Um remate de Jesus Correia

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA



ESTAMOS a meio da escalada. Tão difícil e com tantos obstáculos! Quando voltamos a olhar para trás, reconhecemos sem esforço que os participantes já despendem muitas energias. Mas o caminho que se vislumbra em frente é cada vez mais difícil.

Esta dura 1.ª volta, cujo fim chegou com a disputa da undécima jornada, não resolveu ainda o problema do título e mantêm-se sérias dúvidas quanto ao desfecho final. No entanto, fez um pouco de luz à volta do torneio.

Nesta altura, a dúzia de concorrentes forma dois blocos. A tabela, do sétimo posto para baixo, sofre um rude abalo. Mesmo no primeiro lote, no entanto, alguns dos seus componentes já perderam de todo as esperanças. Ou devem ter perdido. Dos doze pontos para baixo, o lugar ocupado pelo Atlético, a distância começa a ser muito grande, como que intransponível.

Quatro grupos rondam o título, não havendo entre eles grandes diferenças; Benfica e Sporting com 17 pontos; Belenenses com 16 e Olhanense com 15. Candeia que vai à frente aludia duas vezes, certo, mas os dois pontos de diferença, ou um apenas, correspondem a uma derrota e a um empate. Que representa isso, no martírio de quase três meses de lutas? Bem pouco, por certo.

Os rivais de sempre estão excelentemente colocados, e a importância do clube reforça a posição. Mas o Belenenses ainda não está afastado, nem sequer o Olhanense, o clube algarvio que vem fazendo sombra aos grandes de Lisboa.

Na zona intermédia, nem peixe nem carne, conservam-se o Atlético, o Porto e o Vitória de Setúbal.

O caso do último parece definitivamente resolvido, e o Oliveirense está condenado. Os seus três pontos assim o indicam. O penúltimo lugar, que terá de sofrer discussão, transforma-se em problema de interesse palpitante: Boavista, Vitória de Guimarães, Académica e Elvas vão dar-se ao maior dos esforços. A situação é um pouco dramática.

No 11.º dia verificaram-se os seguintes resultados:

Belenenses... 5	—	Elvas..... 2
Sporting.... 6	—	Académico.. 1
Boavista.... 2	—	Olhanense.. 7
Vitória (Set.) 3	—	Atlético.... 1
Vitória (Guim) 2	—	Benfica..... 5
Oliveirense.. 2	—	Porto..... 4

Não houve surpresas. Ganham todos os favoritos. É de anotar, no entanto, a derrota do Atlético em Setúbal, e especialmente o volumoso resultado conseguido pelos algarvios no Estádio do Lima.

Figura à frente na tabela de marcadores o avançado-centro nacional, Fernando Peyroteo, com 19 bolas. Seguem-se Cabrita e Correia Dias, também chefes de



«Jogando a bola, em remate forte»

ataque, com 12, e ainda Gregório com 11. Em seguida, Rogério, Salvador e Armano, com 10 bolas. O aríete do Sporting leva já uma grande vantagem.

Vai começar no próximo domingo a Segunda Volta. Como é natural, os problemas que a competição comporta, desde o do título ao do último classificado, dependem dos resultados entre os concorrentes mais qualificados, uns em frente dos outros, mas também da actividade e do comportamento dos menos classificados. Estes, no fundo, dar-nos-ão a chave da solução.

O Belenenses venceu mas o grupo de Elvas lutou de princípio ao fim



NÃO escondemos que o Belenenses não apresentou o seu melhor nas Salésias, alinhando com Série 2.º, Vasco, Feliciano, Amaro, Sérgio 1.º, Serafim, Armando Quaresma, Andrade, José Pedro e Martiako. Mesmo assim,

tinha a obrigação de jogar mais e melhor. Porque entre o clube de Lisboa e o de Elvas, e tal não representa surpresa para quem quer que seja, há desnível de forças.

O grupo elvense alinhou no terreno os seguintes jogadores: Semedo, Rana, Fernandes, Ameixa, Alcobia, Rebelo, Morais, Massano, Patolino, Aleixo e Proença. Como árbitro, o sr. Jaques Mattias, de Setúbal.

Existe no conjunto de Elvas um desnível de valor, das linhas defensivas para o ataque. Já outros críticos o têm frisado, e nós vimos agora. A linha dianteira mexe-se com desembaraço, e produz um futebol vivo, alegre e movimentado. Os rapazes têm habilidade, e sabem o que estão a fazer. De aqui resulta que a defesa adversária se tem de dar a um trabalho vigilante. Uma falta, e poderá ser goal!

Mas a linha média não está à altura do ataque, mesmo agora, com o reforço de R-beito — que nos aparece a médio. E muito menos o par defensivo.

O Belenenses venceu com relativa facilidade. Bastou a sua organização para impor domínio: defesas e médios bem colocados em campo. Ao contrário do que tem sucedido de outras vezes, a linha avançada não conseguiu ligar os seus movimentos com harmonia, sendo raras as jogadas com princípio, meio e fim.

A vitória do Sporting não teve, como fundo uma grande exibição



IMPORTA afirmar, antes de mais nada, e como ideia geral, que o Sporting venceu a Académica facilmente, mas que a sua exibição esteve

longe de ser brilhante. Também, da parte da Académica, o grupo não foi feliz.

Alinharam pelo Sporting: Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Verissimo, Barrosa, Lourenço, Jesus, João Cruz, Peyroteo, António Marques e Albano.

Pela Académica: Vasco, António Maria, Mário Reis, Lomba, Brás, Aristides, Ângelo, Azeredo, Garção, Tabora e Lemos.

Árbitro: José Pires, de Setúbal. O grupo de Coimbra mostrou má organização no que se refere à posição dos médios-assas no terreno. Estes andaram à deriva em

tudo o tempo, e se lhe juntarmos a má colocação e actividade dos interiores académicos, ficamos com uma ideia do futebol dos visitantes. Deste modo, quase todo o jogo recaiu na linha defensiva de Coimbra, e o peso era duro de suportar.

Atente-se, todavia, em que o Sporting não realizou boa exibição. Como que contagiado pelo seu adversário, deu-se a esforços parciais, e viu-se, por efeito de semelhante orientação, um futebol desligado e imperfeito. É certo que os líderes dominaram. Mas as forças em presença não admitiam outro aspecto. Reapareceu Jesus Correia, um extremo-direito que, em pouco tempo e em carreira ascensional, tem dado nas vistas. A sua exibição alegrou o ambiente do Lumiar.

A linha de ataque do Olhanense dá que falar...



OEVE dizer-se que o Olhanense passou no Porto um obstáculo difícil — sem dificuldades. Esta é que é a verdade, e do desfecho da luta

poderão tirar-se conclusões favoráveis ao valoroso grupo algarvio, que alinhou com Abraão, Rodrigues, Nunes, João dos Santos, Grazina, Zita, Joaquim Paulo, João da Palma, Cabrita, Salvador e Moreira.

O segundo do Porto parece acusar o grande esforço despendido para figurar briosamente na competição. Formou com Mota, Vinagre, Silva, Raimundo, Serafim, Ramos, Zeca, Gonçalves, Chaves, Caiado e Barros.

Árbitro: Vasco Ataíde, de Coimbra.

O encontro foi disputado com grande energia e aprego à luta de lado a lado, e os portugueses inferiorizaram-se aceitando a luta de perto. Em vez de utilizarem, como



Jogo de cabeça

Segunda Divisão

Na última jornada da 2.ª Divisão Nacional verificaram-se os seguintes resultados:

Grupo A — Série 1: — Vila Real-União Paredes, 7-1; Sporting Braga-Leixões, 1-6; Avintes-Sporting Fejo, 3-3.

Série 2: — Familiarção-Maximilense, 13-0; Ermezinde-Candol, 4-1; Infesta-Ramalense, 2-10.

Série 3: — Académico Porto-Gil Vicente, 6-0; Coimbra-Vianense, 3-0; Salgueiros-Aves, 4-1;

Série 4: — União Lamas-Ovarense, 2-0; Leça-Vilanova, 1-0; Progresso-Sporting Espinho, 4-3.

Grupo B — Série 5: — S. L. Viseu-Académico Viseu 3-4; Beira Mar-Sanjoanense, 2-1.

Série 6: — Tondela-Sport Conimbricense, 10-2; Lusitânia-Marinense, 0-2.

Série 7: — Alcobaça-Nazarenos, 1-0; O. Vilafranquense-Ferrovários, 2-1; Alhandra-Futebol Benfica, 2-2.

Série 8: — Torreense-Peniche, 3-1; Alcanenense-Mineiros, 5-0.

Grupo C — Série 9: — C. U. F. Lisboa-Chelas, 4-2; Leões Santarém-Bombarralense, 4-2; Estoril-União Operário, 9-0.

Série 10: — Casa Pia A. C.-Ginásio do Sul, 5-3; S. L. Olivais-Seixal, 2-1; Marvilense-Almada, 1-3.

Série 11: — M. Caparica-Operário Lisboa, 1-3; Fósforos-Palmense, 6-4; Sacavenense-Barreirense, 3-2.

Série 12: — Unidos Montijo-Aldegalense, 6-0; Cuf Barreiro-Luso Barreiro, 3-1.

Grupo D — Série 13: — Campomaiense-Covilhenses, 10-1; Sp. Covilhã-Portalegrense, 6-0; C. P. Abrantes-S. L. C. Breco, 1-3.

Série 14: — Sporting Elvense-Amora, 3-1.

Série 15: — S. L. Évora-União Beja, 1-4; Luso Beja-Mo. ra, 4-0.

Série 16: — Boa Esperança-Sp. Farense, 1-2; Portimonense-S. L. Faro, 4-0.

Na tabela das classificações ficam agora mais destacados vários clubes, sendo justo salientar o Leixões, que derrotou o Sporting de Braga por 6-1, na própria capital do Minho, e o carreiro da Familiarção, com mais 13-0 sobre a sua última vitória: — O Maximilense.

Vejamos agora a lista dos cabeças de série:

1.ª Leixões; 2.ª Familiarção; 3.ª Solgueiros; 4.ª União Lamas; 5.ª União Coimbra; 6.ª Marinense 7.ª O. Vilafranquense, Futebol Benfica, Ferrovários; 8.ª União Torreense; 9.ª Estoril Praia; 10.ª Ginásio do Sul; 11.ª Barreirense; 12.ª Unidos Montijo; 13.ª S. L. Castelo Branco; 14.ª Sporting Elvense; 15.ª União Beja; 16.ª Portimonense.

Figura o Sport Lisboa e Castelo Branco em primeiro lugar na 13.ª série, mas diz-se que cederá a posição ao Sporting de Covilhã, por ter um jogador mal inscrito.

De entre os resultados de domingo, também merece apontamento aquele que se verificou em Tondela, no jogo Desportivo-Sport, de Coimbra. Os Tondelenses obtiveram uma excelente vitória, por 10-2, — sabendo-se deliberadamente do último lugar.

No sector lisboeta, — nova esperada vitória do Estoril Praia, da «Cuf» e do Fósforos. Derrota surpreendente do Barreirense em Sacavenense, e bom resultado do Almada contra o Marvilense.

Campeonato de Júniores 6.ª Jornada

Os Júniores da A. F. L. voltaram a estar em acção no último domingo, para serem começados a segunda volta do seu campeonato. Principaram, portanto, os encontros que servem para revisão de valores, numa jornada que não perdeu as características das anteriores: interesse de público e entusiasmo dos concorrentes.

Na 1.ª série, os dois encontros efectuados tiveram o mesmo resultado: empate a uma bola. Outra coincidência: foram as equipas visitantes as que primeiro fizeram «goals».

No jogo Futebol Benfica-Sintrense, o empate pode considerar-se lisonjeiro para os rapazes de Sintrense.

O Cascalheira não conseguiu, no domingo, dar lido notoriamente, como nos encontros anteriores, e sensação de superioridade. Os jogadores de Campolide perderam neste desafio o seu primeiro ponto para a classificação. Mas... não perderam o primeiro lugar.

Na 2.ª série, houve um encontro de grande expectativa entre o «team» B do Sporting e o grupo A do Benfica. Na primeira parte, um empate a uma bola; agora, uma vitória dos «encarnados» por 2-0. Uma primeira perda de vantagem para o Benfica e um segundo tempo de nivelamento de forças.

O Palmense derrotou o Desportivo Operário (4-1). Triunfo a melhor equipa no terreno e a que se mostrou mais esforçada.

Na 3.ª série, registemos resultados que não deixam dúvidas quanto à superioridade dos vencedores. O Belenenses A venceu o Marvilense por 4-1. O resultado deixa transparecer claramente a vantagem de que os «azuis» desfrutaram durante toda a partida e deve assinalar-se porque os belenenses estavam a obter, últimamente, resultados pouco de harmonia com o seu valor.

O Chelos encontrou no Sacavenense um adversário disposto a batalhar com galhardia. E, por isso mesmo, os chelenses só na segunda parte fixaram o resultado em 3-1.

Tal como acontecera na jornada inaugural do campeonato, foi na 4.ª série que se anotou o resultado mais expressivo. E voltou a ser o Cascais quem o obteve: 6-0 sobre o Oeiras. Claro que os cascaes dominaram de princípio a fim.

O Estoril, vencendo o Atlético por 3-1, alcançou boa desforça do encontro da primeira volta. Não surpreende este desfecho, pois, no decurso da prova, os estorilistas já se haviam revelado melhores, merecendo o primeiro lugar que ocupam na classificação.

D. D.

é seu hábito, o passe a um palmo do terreno, levantaram a bola e facilitaram, com essa tática, a intervenção eficaz da defesa olinhenses». Em certo momento, a linha atacante de O'hão entrou a carburar com perfeição, e o adversário não conseguiu segurá-la. As bolas foram-se acumulando nas redes boavistas e o seu poder demolidor fez-se sentir.

O jogo rápido e enérgico do Vitória conseguiu bater o Atlético!



A partida disputada em Setúbal, com interesse e vibração, era de resultado indeciso, e o decorrer do jogo confirmou o juízo. No entanto, o

Vitória venceu bem, em virtude de suplantar, de um modo geral, com o sentido de antecipação dos seus elementos, e a sua característica rapidez, a técnica mais perfeita dos visitantes.

Os setubalenses alinharam: Acácio, Pereira, Armando, Pacheco, Pina, Figueiredo, Campos, Nunes, Rendas, Cardoso Pereira e Passos.

O Atlético apresentou-se com Correia, Baptista, Francisco Lopes, Galinho, Gregório, Moraes, Micael, Armando, Rogério, Marques e Manuel da Costa.

Árbitro: Vale Ramos, de Leiria. O Atlético, com a falta sensível de José Lopes, o organizador da equipa, jogou um pouco desligado, procurando cada unidade fazer o seu máximo — não se lembrando do auxílio que lhe poderia ser dado pelos companheiros. O contrário do Vitória, que actuou em conjunto, praticando futebol rápido e vistoso, mas em que todos cabem...

Os representantes de Setúbal fizeram boa exibição, e talvez que o repouso tenha feito bem aos seus componentes. O Atlético deu, apesar de tudo, ideia alta da sua capacidade.

O Benfica realizou trabalho acertado e feliz em Guimarães



ORA de casa todos os jogos são difíceis, regra geral. Mas há excepções, como o caso da deslocação do Benfica a Guimarães.

Os lisboetas alinharam o seguinte onze: Martins, Cerqueira, Artur Teixeira, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Mário Rui,

Arsénio, Espírito Santo, Júlio e Rogério.

Pelo lado do Vitória: Machado, Garcia, João, Feliciano, Curado, José Maria, Franklim, Briso, Alexandre, Alcino e Miguel.

Árbitro: Anísio Morgado, do Porto.

O Benfica jogou muito bem, individualmente e em conjunto. As suas figuras mostraram-se exímias na execução, conseguindo ligar sem atritos as diferentes tarefas de cada unidade. Assim, o onze defensivo não mostrou lacunas; da defesa ao ataque, o necessário fio condutor... A linha avançada organizou lances da melhor concepção, a um tempo eficazes e espetaculares.

Os jogadores de Guimarães lutaram com extraordinário entusiasmo com o fim de não se deixarem dominar. Ao menos, ingloriamente! É certo que, de certa altura em diante, e após emocionante reacção, desanimaram um pouco. Compreende-se que tal tivesse acontecido. O Benfica estava embalado e nada o conseguiria deter na bela marcha do seu triunfo.

Já no seu campo, o Oliveirense perdeu em frente do Porto



REGRESSOU já ao seu lar, vindo o campo «Carlos Osório» melhorado, o campeão de Aveiro. Vinqueiros que, tendo de virar por campos estranhos, o Oliveirense viu-se handicapado neste seu primeiro campeonato grande. Mas os rapazes de Oliveira de Azeméis, que, diga-se, jogam com extraordinário brio mas lealmente, não conseguiram vencer o Porto, um mais forte agrupamento em todos os aspectos do jogo.

O Porto alinhou: Barrigana, Alfredo, Gmilo, Anjos, Romão, Octaviano, Leite, Gomes da Costa, Correia Dias, Araújo e Joaquim.

Formando o Oliveirense: Teixeira, Henrique, Joaquim, Oliveira, Pinho, Eurico, Anibal, João Tavares, Alípio, José Tavares e Armando.

Árbitro: José Teixeira, de Braga.

O Porto impôs a sua técnica, procurando atacar pelo centro do terreno. O jogo não teve aspectos de domínio portuense. Pelo contrário, registou-se equilíbrio. A primeira parte decorreu sem grande animação, acabando 1-0 a favor dos portuenses. Depois, as bolas fizeram vibrar. Registem-se as reacções de aqueles que haviam de ser vencidos, mesmo quando a vitória se desenhava a favor do seu forte adversário.

O sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, director geral dos Desportos, deslocoou-se propositadamente a Oliveira de Azeméis para assistir à cerimónia da inauguração dos melhoramentos introduzidos no campo «Carlos Osório».

Biblioteca da "Stadium"

Continuamos hoje a publicação de «Biografias Desportivas» em separatas.

Ano IV — II Série

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1946

N.º 169

Stadium REVISTA DESPORTIVA
Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º — Telef. 53146 — LISBOA
Execução Gráfica de NEOGRAVURA, LIMITADA — LISBOA

Stadium

MATEUS internacional

fala-nos um pouco da sua vida



JOÃO RAFAEL MATEUS, o jovem estorilense a quem foi dado a honra de envergar pela primeira vez a camisola nacional, embora militar, é o nosso jogador desta semana. O facto em si é já um apontamento a realçar, um motivo justificativo para a entrevista. Mas também não fica mal, coloca-lo já nesta galeria de homens da bola:

Tem 24 anos, e a sua actividade de jogador vai na nona época, pois começou a jogar na época 1937/38, no União Futebol Clube Moltense. Nesse ano, jogando alternadamente na reserva e no primeiro «team» foi campeão, sem derrotas, no grupo reserva.

Tinha habilidade! Tanto assim que Pirez a trouxe na época seguinte para o Sporting. Alinhou também no grupo da reserva mas como, ao findar o Campeonato de Lisboa, veio a lei que criou os grupos de juniores, Mateus, com os seus 17 anos, ingressou no grupo, disputando o torneio Regional e o Nacional, alcançando neste campeonato o título de campeão. No ano seguinte Mateus ainda fez uns jogos na reserva e na segunda categoria Leonina mas...

— ... O Sporting não viu bem a minha presença — diz-nos Mateus.

Deixei de jogar uns tempos, ainda voltei ao Sporting, mas pouco depois ingressava no primeiro onze do Estoril Praia, onde, aliás, me sinto muito bem — acentua. — E termina aqui a minha biografia desportiva, como vê, muito pequena e sem interesse.

— Mas esqueceu-se de anotar a sua presença na selecção militar.

— Foi até agora o meu grande momento de jogador de futebol.

— Falamos do grande jogo, naturalmente.

Mateus diz nos, com visível entusiasmo:

— Fiquei satisfeitiíssimo, como se deve calcular, quando notei que pensavam em mim. Ser escolhido para uma selecção de jogadores incumbidos da honrosa missão de representar as cores nacionais e a valorizar o acontecimento jogar contra os «m-tres» ingleses. Era o grande momento.

— E que recordações lhe deixou?

— A par da honra que recebi, amparada por uma justificada validade, conquistei um facto que há-de perdurar na minha vida de desportista. Impressionou-me agradavelmente essa bela tarde de jogo no Estádio Nacional. Senti — julgo que como os meus outros companheiros do grupo militar — a responsabilidade desse jogo. Antes que o competente e sabedor árbitro desse início ao desafio, eu olhava aqueles onze desportistas aureolados de justa fama no futebol. Mas, logo que o jogo começou não vi outra coisa senão a bola, e o meu enorme desejo de acertar e corresponder tanto quanto possível à escolha que me tinha colocado em frente daqueles 60 mil desportistas.

— E como aprecia a sua exibição?

— Estou muito longe de a apreciar. Foi o único jogo em que não consegui ver a minha actuação. Dizem que como estrepante não fiz má figura. A avaliar pelas opiniões da crítica parece-me que cumpri. E quando nestas circunstâncias se cumpre o encargo atribuído já não é nada mau.

— Que impressão lhe deixou o jogo?

— A de que nós ainda temos bastante que aprender.

— Mas o resultado quer dizer alguma coisa?...

— Que temos qualidade e que somos capazes de fazer frente aos verdadeiros «melhores do mundo».

— O que lhe foi mais difícil?

— A marcação de que estava incumbido. Andei sempre à procura de

um outro pormenor que me impressionou: a grande dificuldade em lhes tirar a bola dos pés. Têm um domínio de bola estupendo.

Desviamos o entusiasmo de Mateus pelo «grande dia» e voltamos às coisas portuguesas.

— Que recordação tem da sua vida de jogador?

— A minha inclusão no grupo militar absorve outro qualquer pormenor.

— Dê-nos uma opinião acerca do seu clube.

— É um grupo com grandes e justificadas possibilidades no futebol nacional. Foi infeliz no campeonato de Lisboa. E creio que se estivéssemos no «Nacional» faríamos boa figura. Na segunda divisão contamos com o título.



Mateus, em serviço no organismo onde está colocado

— Depois do Estoril Praia qual o seu clube preferido?

— Indiscutivelmente o Sporting. Não admira

ful para lá tão novinho...

Tenho também as minhas simpatias ligadas ao Be-

lenenses.

— De jogadores?

— É difícil. Aprecios a todos de uma maneira geral. No entanto, Azevedo tem umas qualidade que me obrigam a destaca-lo.

— Mais uma pergunta: Que pensa do seu futuro?

— Manter e melhorar a minha forma de jogar para conseguir continuar a carreira de jogador internacional. Assim nos falou o estorilense Mateus.



O 1.º grupo de juniores do Sporting Clube de Portugal, vencedor do 1.º campeonato nacional de juniores, e do qual Mateus (x) era capitão. Nesta fotografia reconhecem-se também Lourenço, o 2.º a contar da direita, de pé, e França, o 2.º de joelhos, actualmente no Fozfuros. No grupo — Szabo, então treinador

PORTO venceu OLIVEIRENSE na inauguração do novo campo



1 — Henrique, capitão do Oliveirense, recebe das mãos de uma gentil criança, a taça do campeonato. 2 — Antes de principiar o desafio, os grupos guardaram 1 minuto de silêncio pela morte de Coelho da Costa, antigo jogador do F. C. Porto. 3 — O sr. Director Geral dos Desportos, no acto de inauguração do novo campo do Oliveirense. 4 — Correia Dias dominando Henrique... 5 — Uma defesa de Teixeira, aos pés de Leite.

OLHANENSE impõe-se contra o BOAVISTA

Uma admirável defesa de Mota. João da Palma já atacava perigosamente...



João da Palma, saltando a tempo, conseguiu dominar a intervenção de Serafim



A vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

FUTEBOL

Em Inglaterra

A Taça de Inglaterra ficou à parte, nos jogos de futebol realizados em Inglaterra. Tanto os de sábado, 16, como os de 23 foram consagrados à continuação do campeonato das Ligas (Norte, Sul, Escocesa, etc.), evidenciando-se principalmente os encontros disputados por 6 dos 8 apurados da Taça: Birmingham, Charlton, Brentford, Aston Villa, Bradford e Bolton. Este último, jogando fora de casa, dominou o anterior por 5 bolas a zero; o Aston ganhou ao Brentford, também no terreno deste, por 1-0, e o Birmingham dominou, por igual resultado, o Charlton, seu visitante.

Apesar dos prejuízos causados na produção industrial pelos desafios que se realizam a meio da semana, não parece crível que o Governo proíba a sua continuação. Excepcionalmente vários jogos das Ligas, cujas datas ainda devem ser marcadas, a maioria dos «matches» a realizar durante a semana efectuar-se-ão mais para o fim da época, quando os dias forem maiores. Por conseguinte, apenas os quatro desafios da segunda-mão dos quartos de final da Taça, a disputar entre 4 e 7 de março, podem vir a afectar a produção da indústria britânica.

O sr. Stanley Rous, secretário da Associação de Futebol Britânica, declarou que no caso do Governo abordar o assunto todos os jogos da segunda mão da Taça de Inglaterra ficariam sem efeito, voltando-se assim ao sistema antigo, em vigor até à eclosão da guerra.

AS LIGAS EM ESPANHA

Passou para a cabeça o clube de Sevilha

treinado por Encinas

O campeonato das Ligas, em Espanha, é uma competição interessantíssima. O nivelamento de valores faz mudar constantemente o primeiro posto na tabela da classificação. No passado domingo registaram-se na Primeira Liga os seguintes resultados:

Madrid.....	0	—	Espanhol...	0
Gijón.....	1	—	Alcoyano...	1
Sevilha.....	3	—	Aviação.....	0
Castellón...	4	—	B. Ibañeta.....	0
Celta.....	1	—	Valencia.....	1
Hércules.....	2	—	Múrcia.....	1
Barcelona...	4	—	Oviedo.....	0

Passou para a cabeça o Sevilha, que bateu o Aviação no seu campo de Nervion. Em contrapartida, o Barcelona, tendo perdido com o Castellón, — que grande diferença! — passou para o terceiro posto, mantendo-se o Barcelona em segundo lugar.

Na Segunda Liga foram apurados os seguintes resultados:

Corunha...	1	—	Córdova.....	0
S. Sebastian	1	—	Saragoça.....	2
Xerez.....	1	—	Ferrol.....	0
Sabadell....	5	—	Tarragona...	0
Salamanca..	1	—	Tarragona...	3
Maiorca...	2	—	B. Ibañeta...	2
Granada....	2	—	Ceuta.....	2

Os resultados também são curiosos, mantendo-se o clube de Catalunha com possibilidades de êxito.

NOTA DA SEMANA

O entusiasmo que nos países sul-americanos se dispensa ao futebol talvez não tenha paralelo noutros lugares do globo. No Brasil, na Argentina e Uruguai, primeiramente, e agora também no Chile e Paraguai, as multidões assistem aos jogos sob uma tensão de espírito considerável. Basta um incidente vulgar, tão frequente como previsível em competições cheias de masculinidade, como é o jogo da bola, para acender e fazer explodir os nervos de milhares de espectadores.

Dot em diante, os acontecimentos são inimagináveis. Os incidentes banais de um desafio de futebol lisboeta ou tripeiro ficam a perder de vista dessas balaias onde a polícia e o público se misturam até que o nível das paixões baixa de potencial, deixando, no terreno, feridos de gravidade e, não poucas vezes, mortos, a alectar o calor dos ânimos.

Ainda há bem poucos dias, o encontro final das seleções brasileira e argentina de futebol, realizado em Buenos Aires, deu origem a uma verdadeira batalha campal. Um jogador argentino ficou com uma perna partida em dois lugares, devido a um pontapé de certo brasileiro. Em seguida, os futebolistas argentinos tombaram sobre o agressor e tosam-no impiedosamente. Os colegas acudiram-lhe pronto, mas o público assaltou o terreno para intervir no pleito. Logo a polícia, montada e a pé, carregou sobre centenas de invasores mais atrevidos, empregando bastonadas e gases lacrimogêneos na limpeza do terreno.

Quando o jogo recomeçou, uma hora mais tarde, os ânimos estavam longe de ter serenado.

A figura mais brilhante de toda esta desordem foi o árbitro, o uruguaio Valentini. Apesar da pequena estatura, adivinhou-se como um leão para o meio dos desordeiros e jogou a vida com uma coragem digna do apelido que usa.

Devida à sua magnífica superioridade moral, conseguiu demover os jogadores brasileiros de desistirem do desafio e convenceu-os a voltar ao terreno, guardados pelo seu prestígio pessoal.

Parece-nos conveniente salientar aqui, excluindo comentários importantes, a inutilidade dos jogos e desportos quando se praticam apaixonadamente, sem a elegância própria das pessoas decentes, e, por outro lado, a influência decisiva que um árbitro ou juiz, pundonoroso e cioso do seu prestígio, pode exercer no desenrolar dos acontecimentos actuando com audácia.

Rafael Barradas

BOXE

Boa vitória de um inglês que surge: Cliff Curvis

CONTINUAM a realizar-se em Londres, quizenalmente, boas sessões de boxe internacional. Organizada no Royal Albert Hall, da grande cidade inglesa, a mais recente compôs-se de 4 combates. No primeiro, o antigo campeão do Império Jim Brady foi totalmente dominado pelo jovem Cliff Curvis, de Swansea, pugilista «levisíssimo», a quem o árbitro deu a vitória, suspendendo o combate ao 4.º assalto.

O vencido tombara 3 vezes no tapete e achava-se claramente batido. No desafio anterior, o francês Jean Walzsch, meio-médio, jogou de igual para igual contra Artur Danahar e perdeu a decisão por pontos mui escassamente. O inglês levou uma soberba sova durante os cinco primeiros assaltos, que culminou pela queda de Danahar por 9 segundos. Depois, a calma e a experiência do britânico levaram a melhor no duelo, acabando por dominar o antagonista.

Paul Dogniaux, meio-leve francês, foi batido por suspensão do combate ao 5.º assalto. F. z. fraca figura diante de Al. Phillips, o que não admira, pois Phillips é o segundo melhor pugilista inglês da categoria.

O público protestou ruidosa-

HOQUEI

Uma derrota do famoso Dynamo

O famoso grupo de futebol Dynamo, de Moscóvia, que tão brilhante campanha efectuou em Inglaterra, acaba de perder mais uma vez em benefício dos seus eternos rivais, o Depósito Central do Exército Vermelho. Esse último ganhou por 3 tentos a 1 a final do campeonato de Moscóvia de hoquei no gelo.

RUGBY

A R. A. F. contra a R. N.

DEPOIS de um excelente e ardoroso desafio, realizado nos terrenos de Twickenham, o «quintas» da R. A. F. ganhou aos jogadores da Marinha Real, por 9 pontos a 6.

Ambos os grupos se defenderam bem, mas o herói da jornada foi Lloyd Davies, o defesa internacional galense, que alinhou pelos aviadores contra os marinheiros. Foi ele quem marcou os 9 pontos da vitória e fora disso actuou com perfeição durante todo o encontro.

mente contra a desigualdade do valor de ambos, patecendo a decisão.

A abrir, o antigo campeão inglês Eric Boon espatifou em 2 assaltos Mik Mc Ger, de Belfast. O irlandês principiou bem, atirando-se ao ataque e dominando. Em dado momento, porém, foi colhido com um golpe ao tronco e ajoelhou por mais de dez segundos.

Para 4 de Junho próximo anuncia-se em Londres o sensacional desafio de Fred Woodcock e Freddie Mills, este meio-pesado e aquele peso pesado, ambos pretendentes ao título supremo do Império Britânico.

Excelente vitória de Medina

THEO MEDINA, o pequeno pugilista cigano-francês, ganhou merecidamente a Gus Foran, que na Inglaterra tem elevada cotação como «levisíssimo». A luta durou dez assaltos e realizou-se no Palácio dos Sports de Paris.

Em Novembro findo, o mesmo Medina arrancou uma excelente vitória pontual sobre Jackie Paterson, que possui o título mundial dos pesos mínimos.

Um presente simbólico

Os desportistas de Liverpool ofereceram ao campeão de Inglaterra. Nel Tarleton, titular dos meios-leves, uma apólice de seguros, individual, no valor de 1.535 libras. Esse jogador de boxe completou recentemente 40 anos de idade e deve lutar em breve com Al. Phillips para o campeonato das libras Britânicas.

TÊNIS

Uma nova «estrela» australiana: Brown

Os seleccionadores que têm o encargo de escolher o futuro grupo representativo de ténis australiano tencionam aproveitar, além de Pails, outra esperançosa promessa. Trata-se de Geoffrey Brown, um colosso com perto de 1,80 de altura, cujas características principais são as seguintes: utiliza as duas mãos no manéjo da raquete, à maneira de Bromwich, seu compatriota, e o «serviço» é executado batendo na bola no momento em que a atira ao ar. Os seus esmagamentos («smashes») são igualmente heterodoxos, pois os faz contra os preceitos canónicos do jogo.

Em Inglaterra aguarda-se com justificada curiosidade a visita deste jovem, a quem se atribuem excelsas qualidades de jogador.

Regressamos à faina do Campeonato Nacional, quebrada a monotonía pela disputa do jogo internacional entre militares portugueses e ingleses.

A verdade é esta! As competições nacionais precisam do estímulo que representam os desafios internacionais. Depois da pausa do calendário — volta-se a observar a Primeira Divisão com mais interesse!

Já longinquamente, e depois de lermos assinalado devidamente o êxito de Rogério, a revelação mais bela do Estádio Nacional, noutro lugar da nossa Revista, não queremos mais uma vez deixar de focar a maravilha da sua acção. É certo que o extremo do Benfica encontrou nos ingleses o adversário próprio para fazer brilhar o seu jogo. Longe de o diminuir, isso só o agiganta. Os jogadores que só fazem o jogo pelo jogo, têm sempre o seu lugar próprio!

Fala-se já no Portugal-Espanha, e todos aguardam confiadamente o grande encontro internacional.

Pela parte que nos toca, um pouco indiferentes ao resultado, interessa-nos principalmente jogar contra a Espanha. As vitórias só vêm com os desafios!

Já foram sancionadas, com o Belenense, as direcções dos principais clubes eleitos ultimamente. Entramos, deste modo, no período normal. Dentro em pouco honerá eleições nas Associações Distritais (visemos Lisboa) e em seguida na Federação de Futebol!

Começa a falar-se com insincerência na vinda a Portugal de equipas inglesas. Dado o êxito que obteve a R. A. F., compreende-se o desejo de alguns desportistas e clubes. Ou muito nos enganamos, ou ainda assistiremos esta época a um grande encontro entre portugueses e ingleses.

Uma anedota

No estágio de Venda do Pinheiro! Os jogadores estão calmos e tranquilos. Confraternizam. Feltem apenas dois dias para o epilogo.

De repente, o telefone toca — e chama Rogério.

O simpático jogador do Benfica pega no auscultador, julgando tratar-se de mais um pedido de bilhetes...

Nada disso. Tratava-se, puro e simplesmente, de uma entrevista. Era — dizia-se do outro lado do fio — um jornalista do norte que queria interrogar o extremo esquerdo do Benfica, à volta do qual se juntaram os restantes internacionais miliares...

E começou o interrogatório! Rogério, conformado, submeteu-se ao tormento — respondendo da melhor boa-vontade e uma série infidável de perguntas.

Só no fim veio a apurar-se que o jornalista era o Octávio Barros, do Sporting!

MUNDO da BOLA

por JORNALISTA desconhecido

CORRE QUE...

A única vítima do grande encontro militar que se efectuou no Estádio Nacional foi o estriante e médio-direito Mateus, que ficou tocado em um joelho.

♦♦ A data do Portugal-Espanha, em Lisboa, deve ter sido definitivamente fixada na última reunião da Federação Espanhola. Indica-se, ao que supomos, 21 de Abril próximo: quer dizer, oito dias depois do jogo contra a França.

♦♦ Parece que um jogador português, muito conhecido, está como indiscutível na lista nacional e no pensamento do seleccionador, o nosso chefe da redacção.

♦♦ Melão, a nova aquisição do Benfica, vinda de África, revela qualidades a ter em conta.

♦♦ Matthews declarou a um dirigente do Sporting que gostaria que o seu clube, o Stok City, desmontasse os "leões" em Lisboa!

♦♦ A corporação de árbitros lisboeta não revela a harmonia que seria para desejar.

♦♦ A inauguração do campo do Oliveirense, remodelado e ampliado, constituiu um brilhante espectáculo.

♦♦ Estão definitivamente assentes as datas dos encontros com a França e a Irlanda: 14 de Abril e 16 de Junho.

Domínio de Bola

Os ingleses corresponderam inteiramente à expectativa com que a sua exibição era aguardada. Evidentemente que não têm o mais leve fundamento os bantos postos a correr, ou por gente mal intencionada ou por pessoas inteiramente ignorantes em matéria desportiva, segundo os quais os ingleses não ganharam só por não quererem. Santo Deus!

Certamente, os nossos visitantes encaram as partidas internacionais de uma forma muito especial. Para eles, ganhar ou perder não é um caso de vida ou de morte, no conceito desportivo continental. Em todo o caso, de aí a não fazerem todo o possível para vencer — val uma grande distância! Mesmo, nos últimos tempos, ganha vulto na Inglaterra uma corrente segundo a qual se torna necessário acateir as deslocações ao estrangeiro, para prestígio do futebol inglês. Fala-se até na nomeação de um director especial para o grupo representativo da Inglaterra. Qualquer coisa como

o cargo de Seleccionador ampliado nos seus poderes.

Mas este aspecto não era aquele que pretendíamos focar. Outro, diferente. Parece-nos indiscutível que os mestres ingleses nos deram uma lição no que respeita a técnica, e muito especialmente no que se refere ao capital do domínio de bola. Na verdade, todos eles, do defesa ao avançado, e tal não deixa de impressionar profundamente, patenteram o mais absoluto domínio do esférico.

Aquilo que é vulgar ver-se entre nós, a bola fugir quando recolhida ou a imprecisão da passagem, não será possível registar nos ingleses. Todos, sem excepção, dominam a bola com um amortecimento ou um pequeno toque, e chutam com mestria em todas as posições e sentidos. As passagens com a parte de dentro ou de fora da bola são modelares, mas o remate ou o pontapé forte também são executados com perfeição. Vê-se que se trata de uma escola de jogo característico.

Com todo o assombroso domínio justificam-se inteiramente que os ingleses tivessem imposto a fórmula do jogo rasteiro ou a um palmo do terreno, como quiseram e entenderam.

Veja-se isto! A gamas vezes, para não dizer em muitas ocasiões, os jogadores portugueses levantaram o jogo. Pois não foi possível desenvolver futebol por alto! Pela simples razão de que, logo que a bola chegava ao poder de qualquer inglês, volte-se a frisar, da defesa ao ataque, ele agarrava a bola no ar e, depositando-a no solo, como em bandeja, começava a ligar jogo rasteiro e futebol de qualidade.

Quer dizer, a diferença de domínio de bola entre os jogadores ingleses e portugueses foi manifesta e sensível. Eis um ponto em que devemos insistir, e chamar para ele a atenção dos treinadores. Impõem-se cada vez mais intensamente os exercícios de adiestramento individual, de forma a dar ao jogador nacional o indispensável domínio de bola. Sabemos o suficiente em tática e futebol de conjunto, mas continua a faltar-nos um elemento que é a base... Não pode ser!

Há resposta para tudo...

P. 304 — Não acha que estão a exagerar no valor de Capela? (Um sportinguista, de Tomar)

R. 304 — Só lhe podemos dizer que Capela é um valor. Autêntico. E ainda não atingiu a sua máxima medida.

P. 305 — Lembra-se de um antigo internacional chamado João Francisco Maia? Em que lugar jogava? (Um que gostava mais dos tempos antigos).

R. 305 — Como se ele ainda jogasse! Somos, mesmo, amigos. João Francisco começou a praticar futebol no Liceu de Passos Manuel, ingressando mais tarde no Sporting. Internacional da gema.

Fixou-se, como jogador, nos postos de avançado-centro e médio-direito, mas jogou em quase todos os lugares: a interior, a médio-centro e a defesa.

P. 306 — Actualmente, qual o melhor interior-direito português: Araújo ou Quaresma? (De João Gomes da Silva, de Guimarães).

R. 306 — Já temos vincado várias vezes a subjectividade destas

questões. Fugimos de propósito à sua pergunta, esclarecendo que, mesmo que o Seleccionador Nacional coloque a interior-direito o magnífico jogador do F. C. do Porto (e nós talvez não hesitássemos!), ainda poderá haver lugar para Quaresma, que, além de tudo, tanto alinha em um lado como em outro. São dois jogadores de alto a baixo, mas diferentes em estilo e processo.

P. 307 — Eu apostei que Azevedo, guarda-redes internacional, não era militar, e outro colega apostou que sim. Diga-me se ele é ou não? Não se esqueçam de me atender a esta pergunta. (De Filinto Marques, de Sanfins).

R. 307 — Transigimos por causa da aposta. Já respondemos a idêntica pergunta. Azevedo presta serviço militar em Engenharia 2.

P. 308 — Depois de Peyroteo, qual será o melhor avançado-centro: Cabrita, Julinho ou Espírito Santo? (Um assinante, de Couço).

R. 308 — Presentemente, Cabrita. Mas o caso depende da lei da forma.

FLECHA

a melhor bicicleta

Jesus Correia reapareceu no Sporting

A bola fôra rematada com direcção e força.
Vasco, todavia, defendeu com segurança

Um aspecto da luta
Peyroteo-Mário Reis



Um bom remate de Peyroteo — vai cor-
responder a um «goal» sportinguista



A um bom ataque do avançado-
-centro leonino, respondeu Mário
Reis com uma devolução enérgica



Uma admirável defesa de Vasco! Pey-
roteo não conseguiu evitar a interven-
ção enérgica do jogador colmbrão...



Uma oportuna defesa de Semedo, que Andrade procura estorvar



Armando, um bom extremo direito, não consegue bater o defesa esquerdo elvenses



Uma curiosa defesa de Semedo

Vitoria do BELENENSES ELVAS deixou boa impressão



Um dos «goals» do Belenenses, marcado por Andrade



Sério deavia na melhor altura um momento de ação no centro do campo

Comentários...

O JOGO NA ESPANHA

O entusiasmo que arrastou enorme massa popular às insulipientes gradarias do majestoso Estádio Nacional, para assistir ao encontro de futebol entre o grupo inglês da RAF e a equipa militar portuguesa, serviu para mostrar aos que ainda pudessem ser incrédulos quanto é forte o poder atractivo das manifestações internacionais do jogo da bola redonda.

Fica por esta forma mais do que justificado o interesse sempre alimentado pelos dirigentes da modalidade, para assegurarem no calendário anual do futebol os encontros entre grupos representativos nacionais que possam constituir, ao mesmo tempo, incentivo para aperfeiçoamento dos jogadores, propugnando para a difusão da modalidade e prémio à assiduidade dos espectadores, a quem se deve o êxito de todas as organizações e receitas da temporada.

Depois da saída gloriosa de Amsterdão, o futebol português credilou-se com méritos que lhe valeram largo contacto internacional, que, a partir de 1936, a guerra de Espanha primeiro e a guerra mundial depois, vieram interromper até ao ano passado. Com este demorado corte perderam-se muitas das tradições criadas e os dirigentes encontraram-se praticamente ante o problema de recomeçar, problema em parte facilitado pelas felizes condições em que se manteve o nosso País, hoje considerado em toda a Europa como um paraíso apeleado.

Raladas as relações com a Espanha, anunciou a nossa Federação que o encontro peninsular ficara estobelecido em definitivo no calendário anual das duas nações, fixando até o mês de Março para o jogo de 1946; na Suíça, onde a equipa nacional se deslocou com pesados sacrificios para honrar um compromisso, foi-nos

prometida também a retribuição da visita na temporada em curso; finalmente, os dirigentes portugueses, ao passarem por Paris, quando a caminho de Basileia, trouxeram da capital francesa o acordo para a celebração nesta época de novo encontro Portugal-França.

Isto bastava para assegurar enorme projecção à nossa temporada futebolística.

Sucede, porém, que as coisas se transformaram de maneira um tanto estranha, e que a opinião pública sente o direito de esperar que lhe seja explicada.

A Suíça não vem porque não chegou a acordo com a Espanha e a deslocação apenas a Portugal lhe seria demasiado dispendiosa. Que temos nós com isso? Reclamamos por acaso no ano passado, à Federação suíça, o excedente das nossas despesas sobre a subvenção que por ela foi atribuída para a deslocação da equipa?

Coube depois a vez à Espanha, cujos dirigentes federais se aproveitaram de uma habilidade de interpretação das palavras para se esquivarem aos compromissos anteriores. Mas a nossa Federação, que estava segura da realização do jogo em Março próximo, deveria esclarecer a situação tornando públicos os documentos que a autorizavam a considerar definitivo o acordo e as diligências efectuadas em devido tempo para o confirmar. Ficariam esclarecidos também por esta forma quais são os verdadeiros sentimentos desses senhores federais (felizmente excepcionais no meio dirigente do desporto espanhol) do futebol, cujas afirmações de desejo de aproximação ibérica sofrem o desmentido dos factos e não passam de simples sorrisos de fachada e palavras sonoras, — sonoras mas ocias de significado.

JOGOS IMPERIAIS

É dos lugares comuns mais citados aquele que atribui ao desporto forte poder de aproximação entre os povos e grande tributo para seu melhor e mútuo conhecimento; lugar comum de uso corrente, mas, também, traduzindo uma inofensível verdade. No espírito público exerce a completiva desportiva uma influência que perdura e uma atracção que o leva a partilhar de manifestações que, apresentadas sob outro qualquer aspecto, receberia com indiferença ou reduzido interesse.

Isto quer dizer que as organizações desportivas podem ser aproveitadas como elo de ligação entre fraternidades dispersas ou como festivos oportunidades de convívio para núcleos sociais simpáticos e separados no Mundo pelas suas condições geográficas. Portugal, sólido bloco nacio-

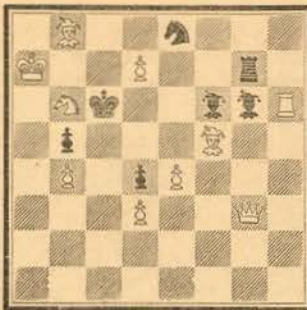
nal, tem a sua comunidade espalhada nas terras do seu Império pelos quatro cantos do Universo; gente portuguesa, sentindo os mesmos ansios e unida pelos mesmos sentimentos, vive espalhada por terras de África, Ásia ou Oceânia, pensamento dirigido para a Metrópole distante, mas perto, muito perto dos corações.

Nestas circunstâncias, parecem de aconselhar todos os meios que proporem, inoportunamente de contacto, directo ou indirecto; referências às actividades de uns ou outros, que conveririam para completo e constante conhecimento do que vai sucedendo pelas terras de Portugal e do seu Império.

No entanto, sendo o desporto, como atrás dissemos, um excelente meio de aproximação e convívio, nunca, até hoje — em

PROBLEMA XXVII

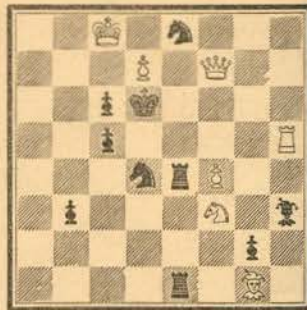
«Pan II»



2 X

PROBLEMA XXVIII

«Primus»



2 X

Xadrez

Concurso-Treino de Exercício de Reconstrução

(Continuação do número 167)

N.º 13 — «Eldorado» — 1. Txf6 ameaça 2. CxG. 3 variantes Temáticas: 1... Cc7 (auto-obstrução), 2. Pxb8=B 1... Rg7; 2. Pxd8=D. Vale 3 pontos.

N.º 14 — «Jarald» — 1? Tf4, ameaça 2. Dxe5. Se 1... Cc5 joga 2. Dc5. Variantes Temáticas, combinadas com a correcção negra: 1... Cd7; 2. e8=C e 1... Cf7; 2. e8=B ou D. Outra variante de correcção negra: 1... Cc3; 2. Cx4. Vale 4 pontos.

N.º 15 — «Simplicidade» — 1. Dc3 ameaça 2. Dxc3. Variantes Temáticas: 1... B.7; 2. PxC=B ou D. 1... Cc7; 2. e8=C.

Variante secundária de «correcção negra com auto-obstrução»: 1... Bc5; 2. Dc5. Vale 4 pontos.

N.º 16 — «Sem Lema» — 1. Tc5 ameaça 2. Tc5. Se 1... Cc5 joga; 2. Dd8. Variantes Temáticas combinadas com correcção negra: 1... Cd7 (auto-obstrução) 2. e8=C. 1... Cf7; 2. e8=B. D. Terceira Variante Temática: 1... Rg7 (bi-válvula e desprezagem negra e branca) 2. e8=D. Vale 3 pontos.

COMO é do conhecimento dos nossos leitores, o problemista holandês, dr. A. A. Koldijk, teve a gentileza de nos oferecer uma colecção de problemas subordinados ao tema proposto no nosso Concurso de Composição. Iniciamos hoje a publicação da série, em notação Forsyth, correspondendo ao interesse manifestado pelos adeptos da modalidade:

N.º 1 — A. Eller mann, Good Companions, 1918: 1c1c1b1B — R3P1d — pPpCrBp1 — 3tP3 — 7p — dCb4 — 8-8.

N.º 2 — A. Eller mann, Tijdschrift N. S. B., 1918: — 1R2cC2 — 3P2t1 — Cpr2ppT — p1P1p2c — 4P3 — p2d4 — 2T3 — 8-8

N.º 3 — H. V. Tuxen e K. A. K. Aesen, Good Companions, 1919 — 1.ª Mensão Honrosa: 1b1CB3 t1P4R — r2r1Pp1 — 2cC4 — p1Pd2p — 3n1Pd4 — 7B — 116.

N.º 4 — J. E. Fank, Good Comp. Folder, 1921: 4cBv1 — 2t2P1R — 5: Bp — 8-8 — d3C2-8-8.

N.º 5 — I. H. rt. ng, Good Companions 1921—2.ª Recomenção: 1R1c1T2 — 2Pp4 — 1pp1P1 — 1C3p1 — 1BC1BbP1 — 4p2d — D3c3-8-8.

(Continua no próximo número)

parte porque as condições mundiais têm sido francamente contrarias nestes últimos anos, desde que a organização desportiva nacional enveredou por novos e sérios caminhos — se conseguiu dar forma prática ao inter-âmbio desportivo entre a Metrópole e as colónias.

Sugestões surgidas por vezes (recordamos, por exemplo, a propugnada feita em «Os Sports para a celebração dos Jogos Imperiais») não encontraram ambiente de êxito; todos apoiaram a ideia, mas não se encontrou maneira de lhe dar corpo, porque tão majestoso empreendimento só confiado à direcção superior do Estado pode ser levado a bom fim.

Agora, que voltou a paz ao Mundo, porque não pensar de novo em tão grata iniciativa? O Estádio Nacional, que tem ser-

vido de sala de visitas para acolher os estrangeiros de cerimónia que nos trouxeram o testemunho da sua amizade desportiva, melhor seria ainda o cenário majestoso do grand. abraço fraternal da comunidade imperial portuguesa, reunida na festa das suas juventudes, acamaradando sob a égide do desporto animador e popular.

Jogos Imperiais. Pensemos diariamente no que eles poderiam significar; falemos na sua realização com a frequência necessária para os impor à consagração da opinião pública. Porque não incluí-los no programa das comemorações centenárias da conquista de Lisboa, a cidade de onde partiram os caravelos audaciosos que deram novos mundos ao Mundo e cimentaram as raízes indestrutíveis do Império Português?

Campeonatos regionais

NO clássico percurso que circunda as instalações do Tiro aos Pombos, nas traseiras do Estádio do Lumiar, foram disputados no domingo passado os campeonatos regionais de corta-mato, nas três categorias oficiais.

Os terrenos onde há tantos anos, com passagens interrompidas, se celebram as corridas da especialidade prestavam-se admiravelmente ao fim em vista, pelo seu pitoresco acidentado, óptimo piso e facilidade de observação; sucede, porém, que perderam agora muito da sua vantajosa condição, porque lhes estão muito reduzidos os limites. Onde outrora se podia traçar um circuito de dois ou três quilómetros, mal se alcança hoje o milhar de metros; os corredores são por isso obrigados a repetir maior número de vezes o curto trajeto, com sua dura escalada favorecendo aqueles competidores que melhor trepam.

Das três corridas que se seguiram no domingo, só a primeira, a dos principiantes, teve interesse e emoção. As outras duas estavam resolvidas ao cabo da primeira volta e o resto do percurso foi somente confirmação.

Os vencedores foram os mesmos das provas de abertura: José de Araújo, que confirma sob as cores do Benfica a classe que demonstrara nos campeonatos da F. N. A. T., onde correu dois anos representando a F. N. I. Moagem; Manuel Gomes, que beneficia das suas boas qualidades de trepador, e o indiscutível João Silva, em forma prometedora, embora a passada nos não tenha impressionado favoravelmente, suscepiendo de vantajosas correções: maior contração, trabalho maior acentuado da articulação do joelho, aumento de amplitude.

Se o Benfica conservou os seus títulos em juniores e seniores, cedeu o de principiantes ao Belenense, que alcança por esta forma um prêmio para o seu esforço de ressurgimento atlético, excelente incentivo para prosseguir nos seus esforços.

Em obediência à boa lógica, a marcha dos vencedores foi directamente proporcional à sua categoria: Araújo percorreu quatro voltas à razão de 3 m. 37., Gomes gastou apenas 3 m. 29., em cada uma das suas cinco voltas e João Silva baixou ainda esta média para 3 m. 24., embora tenha percorrido mais uma volta.

Dentro de quinze dias disputar-se-ão os Nacionais, indo os seniores correr ao Porto; virá depois a curta temporada das provas em estrada e o descanso de transição para a pista. Não haveria ainda uma oportunidade para organizar uma prova popular de corta-mato, óptimo agente de propaganda e espectáculo atraente?

Insistimos na ideia, porque a consideramos de aproveitar.

Salazar Carneira

A exibição dos cadetes suecos

A divulgação da notícia de um encontro de andebol entre suecos — os cadetes do cruzador «Fylgia» — e portugueses, a equipa do Sporting, atraiu ao Estádio do Lumiar numeroso público, mais de um milhar de pessoas, que encheram a bancada e deram ar festivo à amistosa competição.

As circunstâncias prestam-se a meditação; foram no Estádio todos aqueles espectadores, expressamente para presenciarem uma partida de andebol, e é portanto lícito extrair de tal facto a conclusão de que a modalidade interessa a público numeroso. No entanto, os jogos do campeonato de Lisboa decorrem em família, apesar de valerem muita vez bem mais do que a exibição desconexa e desequilibrada dos suecos e dos «leões».

O entusiasmo que nos levou também ao Lumiar desvaneceu-se, antes de começado o encontro, com as informações recebidas: os cadetes da marinha nunca tinham jogado andebol em campo, pois na Suécia se cultiva sobretudo, com grande simpatia do público e animação dos praticantes, o andebol de sala, variante muito distinta até na aplicação das principais regras: a baliza é muito mais pequena, não há deslocamentos, não se castiga por tempo (memora da bola nas mãos do jogador), o transportador da bola não pode bater mais de duas vezes com ela no solo.

Foi, por conseguinte, o árbitro do jogo, sr. Feist, que lhes esteve explicando, momentos antes de entrarem no terreno, as normas a que tinham de obedecer.

Ficam, assim, explicados os 16 pontos obtidos pelo Sporting sem exibição de mérito; os suecos estiveram a aprender primeiro como haviam de executar.

O resultado teria sido ainda mais desfavorável se o Sporting se não lembrasse, no último quarto de hora, de utilizar um terceiro guarda-redes, que, em cinco remates inocentes que lhe atiraram, defendeu o primeiro e deixou passar os outros quatro.

Os jogadores suecos mostraram de início bom sentido de desmarcação e um sistema de progredir no ataque bastante interessante, com a bola de mão para mão, mas sem batimentos no solo. Com o decorrer do jogo foram madando de tática, contagiados pelos adversários, passando a servir-se dos «dribblings» à portuguesa.

O Sporting não lazia; gostamos de ver Tomás no lado de Vicente, mas a linha avançada fraquejou demasiado pelos extremos e, na defesa, Jaime Silva cometeu tantas faltas quantas as vezes que entrou no avançado atacante. A equipa perdeu a sua toada clássica; são raros agora os peses em profundidade, muito menor rapidez geral dos movimentos.

O tempo é implacável na sua acção.

O Campeonato vai a meio

Com os jogos de domingo passado concluiu a primeira volta do Campeonato de Lisboa, da qual apenas fica pendente ainda o jogo Marvilense-Benfica, que o primeiro ganhou com inteiro merecimento, mas o segundo protestou, ao que parece com fundamento em erros de arbitragem justificativos da anulação do encontro, mas os quais nada influíram no resultado.

O Benfica, que chegara às jornadas finais em excelente posição, apenas a dois pontos do condutor da classificação, teve um final desastroso, sofrendo três derrotas consecutivas — «Os Treze», Marvilense, Sporting.

O encontro entre os velhos rivais, acontecimento predominante no programa de domingo, valeu pouco pela qualidade do andebol construído pelas duas equipas; agradável o ambiente de lealdade e correção desportiva em que decorreu, do qual apenas destoava Alexandre Almasque, mal-humorado, desde as primeiras intervenções a servir-se de dureza desnecessária e reproável, para acabar agredindo a bofetada ao adversário que lhe entrara duro, tal como ele vinha fazendo por sistema.

O árbitro, sr. Feist, deu nesta ocasião prova de falta de autoridade disciplinadora, consentindo que o agressor continuasse no campo. E não pode negar que não via, pois a desordem se passou mesmo na sua frente e próximo.

O Sporting começou a partida com dez homens e com dez homens foi até final, pois, quando conseguiu completar o grupo, ficou privado do avançado-centro, magoado nam pé.

Os «leões» apanharam um susto; a ganhar por 2-0, s'fizeram três bolas em poucos minutos e tiveram que se empregar a fardo no quarto de hora final para arrenhar o triunfo, que é lisonjeiro para o seu comportamento, pois os «encarnados» mereciam pelo menos o empate.

As duas linhas avançadas fraquejaram bastante no remate, tardio e alto; os homens a citar são aparelha defensiva Miralva no grupo vencedor e o benfiquista Fernando Pereira, o melhor jogador no terreno.

Nos restantes jogos da jornada não houve surpresas, sendo para notar a nitida vitória do Marvilense sobre o Internacional, que fica assim com as suas aspirações à 1.ª Divisão seriamente comprometidas.

O Desportivo «Caf» comanda a prova com quatro bons pontos de vantagem sobre o Sporting e «Os Treze», aspirantes à classificação para o campeonato nacional.

Considerada válida a vitória do Marvilense sobre o Benfica — o pleito deve ser hoje à noite dirimido na Associação — os clubes melhor pontuados depois

Duas derrotas dos lisboetas

contra Porto e Coimbra

O basquetebol português, no espaço de 8 dias, primeiro em Lisboa e depois na capital do Norte, pôde impor-se excelentemente e conquistar duas vitórias indiscutíveis.

Pode afirmar-se que os dois resultados do Porto sobre Lisboa, tão justos como regulares, denunciam uma superioridade indimentável no actual momento. No encontro efectuado na capital, o Porto ganhou apenas por 3 pontos de vantagem — mas bem, convencendo a uns e outros.

Neste último domingo, já na sua terra, a superioridade foi esmagadora. Ganhar por 43-16 e, além disso, demonstrar capacidade técnica, como o Porto, definitivamente no último jogo, — serve certamente para valorização dos futuros encontros do campeonato nacional.

Ao intervalo já o Porto ganhava por 18-10. Mas, na segunda parte, os lisboetas apenas conseguiram 6 pontos, média inferior, por certo, às suas possibilidades.

Os avançados do Norte, comandados por uma figura de grande relevo na modalidade, o Vasco Pima, desenvolveram uma série de ataques brilhantes e felizes, traduzidos em «cestos» que arrancaram aplausos demorados.

Mas a equipa lisboeta, diga-se também, não agradou. Pareceram mal constituída e por vezes sem garra para a luta. O seu principal fiasco no último encontro foi precisamente este de aceder demasiado cedo a superioridade do Porto.

A jornada do Norte teve ainda a virtude de provocar uma reunião de bons dirigentes, presididos pelo Director Geral dos Desportos, Lisboa e Porto, pioneiros de todas as modalidades, abraçaram-se carinhosamente, antes e depois do desafio.

O grupo lisboeta veio por Coimbra — e ali perdeu também com a equipa representativa da cidade do Mondego por 31-17.

Também se prova, por este resultado, que o basquete provincial tem hoje um valor de tomar em conta. As dificuldades de Lisboa estiveram de novo em evidência, mas deve supor-se que a confiança volte brevemente. Na capital há bons grupos de basquete, excelentes jogadores — e por certo não correspondem os resultados de agora ao valor que justamente se lhes atribui.

destes três são: Belenenses e Benfica, 19 pontos; Marvilense, 18 pontos; Internacional, 17 pontos.

No pelotão da cauda, com o destino traçado, figuram: Almada, 14 p. e União Piedade, 9 pontos.

José de Eça

BENFICA *passou* em Guimarães



boa defesa de Martins, enquanto Cerqueira trava a marcha de Alcino



Arrojado e seguro, Martins desviou no último momento uma bola rematada por Brício



Martins esteve constantemente em jogo. Prova-o defendendo mais um remate, — agora de Franklim



Correia teve tarefa laboriosa, em Setubal. Rendas acaba de rematar com boa direcção...

O ATLETICO *perdeu em* SETUBAL



Rendas prepara-se para o remate — mas o alcantarense Galinho não está mal colocado para o evitar



A bola chegou à rede. Correia nada pôde, desta vez...



Acácio tem a bola bem segura. O remate de Rogério não o perturbou

O "ZUARI"

Um dos melhores cavalos de concurso

DEPOIS de termos apresentado aos nossos leitores a lista de triunfos do cavalo «Raso», publicamos hoje o «palmarés» do «Zuari», uma das mais categorizadas montadas da equipa nacional.

E' curta a história deste cavalo que veio para Portugal com seis anos, em 1943, e que se apresentou em público pela primeira vez no Concurso Hípico de Lisboa do ano seguinte. Puro sangue irlandês o «Zuari» tornou-se logo notado entre os inúmeros animais daquela remonta pela sua já evidente categoria.

Trabalhado pelo tenente Henrique Calado o cavalo foi apresentado pela primeira vez no Concurso de Lisboa onde obteve na prova «Irlandezes» um bonito 2.º prémio. Igual classificação foi conseguida na «Regularidade» do Concurso do Porto, obtendo a sua primeira vitória no certame de Mafra, na prova «Grémio da Lavoura», onde se colocou com brilho à frente de animais de nomeada.

Estes prémios, aos quais se juntaram mais dois 5.ºs, um 6.º e um 7.º, elevaram-no ao 1.º «handicap» uma vez que a verba ganha atingira 1.700\$0. Fôra uma prometedora estreia e no ano seguinte, ou seja na época finda, o «Zuari» depois de ganhar, de colaboração com o «Xerez», o «Raso» e o «Paiol», a «Taça de Ouro da Península», arrancando magnificamente dois lindos percursos sem faltas, foi de abalada até Espanha integrado no grupo de cavalos da equipa nacional que tomou parte nos concursos de Madrid e Barcelona.

Sempre montado pelo tenente Henrique Calado o «Zuari» regressou com sete honrosas classificações e entre estas o 1.º prémio da «Caça» e o 2.º da «Copa Capitan General» do certame de Barcelona, e o 3.º da «Taça Generalíssimo» do Concurso madrilenho.

Em Oeiras vimo-lo, em grande tarde, bater um rápido percurso do «Raso», daqueles que dificilmente se batem, arrebatando-lhe por 2 segundos de diferença o «Grande Prémio».

No decorrer do Concurso de Cascais o tenente Calado, por motivos que não nos compete discutir, desistiu de montar o esplêndido cavalo que trabalhara com evidente entusiasmo e bons resultados. No entanto, este certame não terminou sem que o «Zuari», que acusou a mudança brusca de cavaleiros, se classificasse em 4.º lugar na «Taça General Carmona». O prémio foi conquistado pelo tenente Cruz Azevedo.

Como se sabe e época terminou com o Concurso Hípico do Outono logo seguido do festival organizado pelos antigos alunos do Colégio Militar. No decorrer das provas, o «Zuari» foi apresentado pelo tenente Alves Pereira que revelou bom entendimento, e reconduziu o cavalo ao lugar que já ocupara. Depois de ganhar muito bem a sua eliminatória para a prova «Diário de Notícias» classificou-se na final em 2.º lugar quando todos supunham que o triunfo lhe pertencia, tal a prova que realizara. Fica ainda em 8.º na Taça oferecida pelo mesmo jornal e 5.º na prova «Marchal Teixeira Rebelo», que se destinava ao Campeonato do Salto em Altura e que terminou inesperadamente depois de vários cavalos, e entre eles o «Zuari», terem transposto 1^m,80.

E' esta a curta mas já notavel história do magnifico irlandês que em 18 meses de provas conseguiu 24 prémios, com cinco 1.ºs, cinco 2.ºs, um 3.º, um 4.º e cinco 5.ºs. Ganhou em 1945, 10.212 escudos sendo o segundo cavalo mais premiado nesse ano, e conquistou o 8.º lugar no «palmarés» do último triênio com 11.912\$50.

Este ano o «Zuari» vai surgir-nos montado pelo capitão José Carvalhosa, um concursista que regressou disposto a continuar a sua brilhante carreira desportiva.

O novo conjunto deverá impor-se.

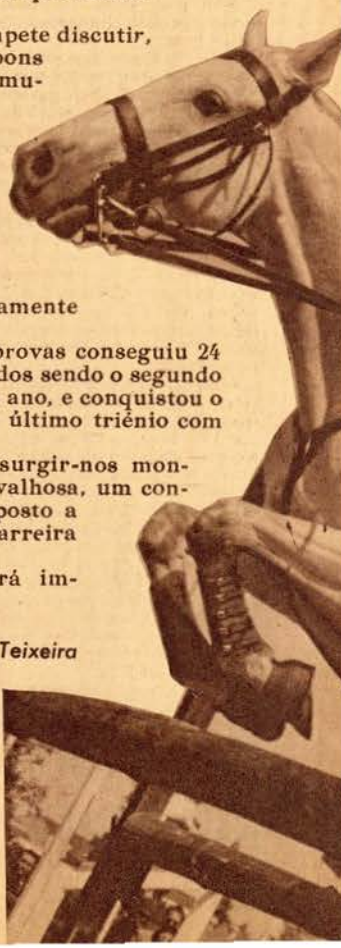
Antas Teixeira



1 — O «Zuari» montado pelo tenente Henrique Calado.

2 — O magnifico irlandês conduzido pelo tenente Alves Pereira.

3 — O «Zuari» em pleno esforço.



Maus caminhos no atletismo

O PORTO ganhou a Lisboa, em basquete. E brilhantemente, segundo os críticos mais categorizados. Os grupos da cidade do Porto, toda a cidade, trabalhem insistentemente, e as várias modalidades devem-lhe muitos esforços, grande soma de sacrifícios.

Esta vitória do Porto, que já não é a primeira, demonstra-nos bem a sua capacidade. Só é de lamentar que o não queiram ver...

DESTA VEZ não foi muita gente do Porto assistir ao encontro Selecção Militar-R. A. F. Clero que nem por isso o Estádio deixou de encher-se...

Mas, seja como for, este desinteresse dos portuenses é sintomático. Seria bom que se pensasse um pouco nisto...

O CICLISMO portuense movimentou-se. Império Santos, praticante de boa categoria, pretende regressar ao seu clube de origem — o F. C. do Porto. Império começou a correr no importante agrupamento do Norte, seguindo o escalão até à categoria de independentes. Um dia, sabe-se que por imposição palerina, era ele menor, viu-se obrigado a ingressar no Salgueiros.

Actualmente — é maior. Tem vontade própria. E declara: — «Toda a vida fui portuense mesmo quando corria no Salgueiros. Quero voltar ao meu verdadeiro clube, do qual me afastaram à força».

Não pode deixar de considerar-se que, em boa verdade, o razão é forte...

LIMA e a sua pista de ciclismo estão muito mal tratadas. Os jogadores de futebol queixam-se do estado do campo, cheio de covas encobertas por uma relva irregular; e os emadores do ciclismo afirmam que, na próxima época, sem um conserto conveniente, não poderão efectuar-se provas.

E' de lamentar o facto. A cidade do Porto, no que respeita a campos, está bem mal tratada...

A PROPOSITO — continua sem solução o caso «Estádio do F. C. do Porto». De vez em quando, fica ludo em alvoroço com notícias vindas de várias fontes. Depois — tudo na mesma!

Todo o mundo promete coisas, mas... quanto a campo de jogos, lemos conversado!

PREPARAM-SE dois jogos de andebol entre Lisboa e Porto, as duas cidades que nunca deixaram de praticar a modalidade, lutando constantemente pelo seu prestígio.

Não pode dizer-se, entretanto, que seja boa a ocasião. O andebol portuense não subiu ao lugar que de direito lhe pertence, neste época. E, segundo parece, os grupos de Lisboa também não denunciam forma apurada. Mas isso é lá com os dirigentes do popular jogo.

O OLIVEIRENSE jogou pela primeira vez na sua terra, neste campeonato nacional. O facto foi festejado, e só o não pôde ser com mais estrondo porque... o F. C. do Porto ganhou no dia da inauguração do seu magnífico campo de jogos.

De futuro, o Oliveirense jogará em casa! Parecendo que não — isto é muito importante...

O atletismo, já o dissemos, não pode enveredar pelo caminho da «habilidade», da procura e da oferta. Por outras palavras: — pagar a atletas ou iludir o processo das transferências com promessas de empregos teóricos, não corresponde aos sinceros desejos dos bons amadores da modalidade.

Desenharam-se esta época transferências que denunciam de um modo claro o propósito de arubar aos seus clubes os rapazes de maior valor. Diz-se, por exemplo, que determinado atleta saiu para Lisboa por haver conseguido colocação na capital, mas sabe-se por outro lado que isso não representa verdade digna de ser considerada por quem de direito.

Nem o emprego existiu nem existe ainda. A Direcção Geral dos Desportos, por exemplo, pode investigar e saber a verdade e por certo o verificará na altura própria.

Precisa o atletismo de processos dignos. Consentir na habilidade pode constituir hábito perigoso, a seguir mais hoje mais amanhã por todos... que muito se preocupam em cavar na seara alheia.

Muito cuidado. Arripiem caminho enquanto é tempo, e conduza-se o atletismo para um terreno que não seja falso, habilidoso e impróprio da sua importância.

Confiemos, entretanto, na disciplina e no bom espírito desportivo dos orientadores — a quem não passam despercebidos estes recrutamentos algo escandalosos. Pretende-se corrigir, com estas observações, qualquer atitude que cheire a marcada falta de correcção. Se não se observam os princípios honestos do desporto, não pode a boa imprensa manter-se alheia a factos de notória culpabilidade. Só isto nos leva a chamar mais uma vez para os casos recentes a atenção de quem de direito.

ANTES DE PRINCIPIAR A ÉPOCA VELOCIPÉDICA...

O assunto já foi debatido, mas parece-nos oportuno tratá-lo de novo.

Como se sabe, o ciclismo de competição é hoje um meio de interessante propaganda clabista, além de constituir, claro está, seguro agente de preparação física daqueles que o praticam. Temos notado, todavia, que alguns clubes nem sempre acatam o sentido prático da sua propaganda por intermédio dos velocipedistas que os representam.

Um exemplo: — o F. C. do Porto, que há muitos anos se dedica à velocipédia, veste sempre nos seus praticantes uma camisola diferente da que usam os jogadores de futebol do clube. Assistimos a várias provas, na época linda. Pois não poucas vezes ouvimos dizer: «... afinal, ainda não passou nenhum corredor do F. C. do Porto!». Todavia, precisamente em algumas dessas provas, seguiam na vanguarda homens do importante clube nortenho...

O Sporting usa uma camisola que, embora de tecido es-

pecial, fechada no pescoço e de manga curta, se indica imediatamente, na pista como na estrada. O Salgueiros e o Benfica não as alteraram. Só o F. C. do Porto, especialmente, e também o Académico, salvo erro, enfeitaram o desenho habitual.

Podem dizer-nos que não deve importar muito para o caso «desportivo» a questão da camisola. Que interessa única e simplesmente praticar a modalidade, ensinando-a e expandindo-a pelos quatro cantos do país. Literariamente, não deverá ser infeliz a suposição. Mas... o nome do clube, digam o que disserem, tem de projectar-se indiscutivelmente na valorização do atleta e, por ser assim, deve entregar-se-lhe a camisola, autêntica camisola que o público conhece e não aquela que apenas se distingue... por esta ou outra cor da sua bandeira.

É uma ideia. Que a aprecie quem de direito. Para nós, um atleta justamente equipadíssimo distingue-se indiscutivelmente.

Monte Negro Azul

O êxito do campeonato de futebol

DE jornada a jornada o interesse aumenta, dentro e fora dos rectângulos. Norteados pelos elevados princípios que são apanágio da patriótica organização, os rapazes da «M. P.» têm emprestado ao torneio de futebol da Ala 2 as características suficientes para que a já tradicional competição fique assinalada como uma das mais interessantes dos últimos tempos.

Sabado e domingo últimos, realizaram-se os encontros correspondentes à sexta jornada. Vejamos-lhe, ainda que de relance.

Os desafios de sabado forneceram a nota curiosa de todos os vencedores terem triunfado pela diferença mínima. No outro prélio verificou-se um empate. Foi pois uma jornada em que predominou o equilíbrio. Lutou-se, por isso, com entusiasmos. Houve apêgo à luta e interesse pelo resultado até ao momento de soar o apito do árbitro.

Resultados: Escola de Machado de Castro-Escola de Afonso Domingues (1-0); Liceu de Pedro Nunes-Escola da Pia (2-1); Instituto de Sidónio Pais—«O Académico» (4-3) e Escola de Veiga Beirão-Escola de Ferreira Borges (1-1).

No domingo, apenas se efectuou um encontro — Liceu de Camões-Centro Extra-Escolar n.º 16. O equilíbrio foi, ainda, a nota dominante do prélio. Ao fim e ao cabo de luta animada e entusiástica, a turma do Liceu de Camões venceu por 1-0. Os rapazes do Centro Extra-Escolar, porém, não saíram diminuídos da contenda. E resultado aceita-se, sem esforço.

O outro encontro, ma' cada para o campo do Liceu de Pedro Nunes, entre os locais e o Casa Pia, não se efectuou.

Outras modalidades

Depois do futebol — o voleibol. Ainda que debaixo de outro aspecto, o voleibol desfruta hoje, dentro da «M. P.», de invulgar popularidade e expansão. No domingo último, o torneio prosseguiu com o entusiasmo habitual, movimentando filiados de lés a lés da cidade.

Outra modalidade a que a «M. P.» tem dado impulso digno dos melhores êncimios: o remo. Não admira, pois, que estejam sendo aguardados com interesse e expectativa os campeonatos marcados para o próximo mês de Março, e que reuniam a inscrição de catorze tripulações.

O tiro — cujo campeonato da Ala 2 principia no próximo dia 10 de Março — de dia para dia ganha maior número de adeptos. Aguardemos, pois, o torneio, que este ano promete ser movimentado.

E por hoje, para terminar, uma referência à vela. Presentemente, recebem instrução em Pedrouços cento e trinta filiados.

O entusiasmo pela vela mantém-se. E com ele, o cumprimento da divisa: «rumo ao mar».

Abreu Torres

SABER TRATAR DA MONTADA

é um dos grandes predicados do verdadeiro corredor



Dado o cuidado com que tratava da sua bicicleta José Marquês poucas vezes se atrasava por avarias mecânicas

ANTONY MAGNE, famoso corredor francês, sem dúvida um dos mais cotados estradistas internacionais da última geração, vencedor de duas Voltas à França e de um Campeonato do Mundo, cometeu a singular proeza de haver ganho, três anos seguidos, o «Grande Prémio das Nações», a maior e mais difícil prova contra relógio até hoje disputada em estradas empedradas. Atribui-se este feito ao facto de Magne ter sabido sempre escolher a grossura dos «boysaux» que utilizou e dar-lhes a pressão mais adequada para vencer, sem grande dificuldade, o «douro» piso do percurso.

Por sua vez, o belga Hendrichx, fogoso corredor da última década, certo ano, depois de fazer figura de indiscutível vencedor no Paris-Roubaix, prova em que chegou a ter quase vinte minutos de vantagem sobre os mais próximos competidores, acabou por ser derrotado, já com a meta à vista, porque, montando bicicleta com «boysaux» atestados em demasia, não suportou a trepidação da sua máquina sobre os irregulares paralelepípedos das estradas de Roubaix.

Também Román Gisselles, grande especialista de provas de estrada atrás de moto — os movimentados «critérios» tão vulgarizados no estrangeiro — deixou certo dia de ganhar competição de vulto porque, mecânico pouco hábil, se lhe havia «encavalitado» a rosca de uma porca, dando ao a que a roda traseira se descentrasse.

Não têm conta os casos de provas perdidas por avarias motivadas por desleixo ou fraca competência de quem afina as montadas, como os de corridas ganhas, porque os ciclistas cuidam com perícia e meticulosidade dos órgãos vitais das bici-

etas. Daí o tornar-se factor primordial para os campeões a necessidade de saberem afinar os engenhos que utilizam.

Era por estar compenetrado desta verdade que o grande Francisco Pellissier — glória do ciclismo francês e da própria França, pois por ela deu a vida nesse incomparável Movimento de Resistência — julgava indispensável que ninguém lhe cuidasse da montada quando disputava provas por etapas.

A bicicleta de Pellissier, nas seis Voltas à França em que



Ildefonso Rodrigues mostra-se pouco à vontade a substituir o «boysaux» após ter «furado»

toma parte, aparecem sempre, nos finais das tiradas, com este distico: «Não mexer na corrente nem nas rodas livres».

Argumentava o mais velho dos Pellissieres que só o próprio pode saber com exactidão se as rodas têm a pressão necessária; se os travões possuem o «curso» suficiente; se a direcção está justa, o selim fixado na devida altura e as mudanças transitam facilmente de carreira para carreira.

Mas apesar de estarem bastante divulgados tais conceitos, há, no conjunto dos valores internacionais, muitos ciclistas que os desprezam. E entre nós, a par de alguns elementos bastante meticulosos no arranjo das suas máquinas, outros há que se sentem «allitos» até a mudar um simples «boysaux».

Dos corredores estrangeiros, mostraram-se sempre bons mecânicos, sabendo até indicar aos construtores das máquinas que utilizavam quais as medidas e os «lançamentos» que melhor lhes convinhão, além dos já citados, Archambaud, «recordman» mundial da hora; Reby, figura pres-

tigiosa do ciclismo belga; Jean Aerts, que foi campeão do Mundo e vencedor de algumas das maiores provas internacionais, os irmãos Séres, filhos de campeão de nome da, que foram especialistas em provas de seis dias, e os noveis Laurent e Cosson.

Entre nós também tem havido, através de todas as épocas, verdadeiros competentes na arte de tratar bicicletas.

Nos primeiros tempos do ciclismo português, o Dr. Bettencourt Raposo, José Barão e Costa Braga mostraram-se conhecedores, quer generalizando princípios de técnica, quer ensinando os corredores de então.

Depois, Soares Júnior — um valor em provas de pista, — tinha um sentido especial para cuidar da mecânica das bicicletas.

Mais tarde, Alfredo Luis Piedade — que constitui um caso aparte no nosso ciclismo — começou ele próprio a fazer tanto quanto suas bicicletas necessitavam, criando modelos de quadros e divulgando invenções que ainda hoje são seguidas com escrupulosa exactidão. Tem sido tão profundo o estudo da mecânica da bicicleta por mestre Piedade, que são da sua autoria os «estamentos» da maioria dos quadros actualmente utilizados pelos corredores em actividade.

Francisco Assanção e Silva, corredor de velocidade do Sporting; o malogrado Ramos Malha, que levou para o Benfica o primeiro título de campeão de fundo; José Marquês, rápido e metódico corredor do Campo de Ourique, que a ninguém confiava a reparação das suas bicicletas; Nicolau, nos últimos tempos da sua carreira; Martins de Aguiar, utilizando a

prática adquirida na oficina de seu pai, e Eduardo Santos e Alfredo Sousa foram corredores que nunca deixaram seus créditos por mãos alheias por não saberem reparar uma avaria.

Mantém-se a tradição, no núcleo de «ases» que actualmente estão em actividade, de haver sempre alguns peritos na mecânica dos engenhos de duas rodas.

Eduardo Lopes é o mais apetrechado, porque desenha um quadro, se necessário for; consegue construí-lo em todos os seus pormenores, monta e afina conscienciosamente uma bicicleta.

Aniceto Bruno, João Lourenço, José Martins e Francisco Inácio são também estradistas que sabem fazer algo mais do que mandar e meter um tubo ou limpar e lubrificar uma bicicleta.

Mas por falta de calma ou também por se desconhecer a maneira mais rápida de arranjar o que se escangalha no decorrer das provas, há ainda quem se atrase tempo desnecessário nas competições que disputa.

Tal como um jogador de futebol a quem se não desculpa que não saiba atacar convenientemente as botas e ajustar as caneleiras ou a cavaleiro se não tolera que desconheça qual os hábitos do seu cavalo, um corredor, sobretudo aos que atingem certa nomeada, deve saber tratar em todos os pormenores da máquina — complemento indispensável para a modalidade que pratica.

Não soubesse André Ledacq substituir, com uma simples chave de cones, o eixo de um pedal que partira em sitio desprovido de recursos, numa Volta à França, e decerto a vitória nessa prova lhe não teria pertencido. Porque foi sem dúvida ao desbarato e à pericia com que o campeão francês retirou de uma máquina de turismo para a sua o citado eixo, que ele ficou devendo, dessa feita, o triunfo na grande competição de Alé-Pireneás. Que meditem nisto os nossos ases...

Gil Moreira



Antes de principiar a grande prova dos Seis Dias os irmãos Séres iam, eles próprios, tratar das máquinas que haviam de utilizar

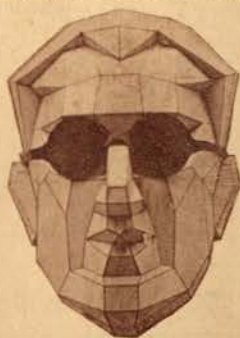
Condições de assinatura

Custo por número...	2\$00
3 meses, Esc. ...	26\$00
6 » » ...	52\$00
12 » » ...	104\$00

VARIOS desportos



1) — A partida dos co-correntes ao cortamato principiantes; 2) — Uma passagem dos juniores; 3) — João Silva comanda a prova de seniores; 4) — Novamente João Silva, já isolado; 5) — Uma fase do jogo Benfica-Sporting, de handbal; 6) — Os grupos de «basket» de Lisboa e Porto, com o arbitro Francisco Sousa, antes do encontro



**GIL
OCULISTA**
FUNDADA EM 1865
Deposítaria das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão
138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 22829. LISBOA





Stadium

A Iluminante

A maior organização do Império

em MATERIAL ELÉCTRICO

e

B I C I C L E T A S

LISBOA

Av. Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17

Esc. 2\$00

PORTO

R. Passos Manuel, 203-A, 203-B e 209

